



AS ARMAS DIRIGIDAS COM PRECISÃO MUDAM A FORMA DE COMBATE

Ferdinand Otto Miksche

O autor é um antigo oficial de carreira, de origem tchecoslovaca, destacado escritor militar e que serviu no Estado-Maior do Gen De Gaulle, em Londres, como oficial estrangeiro do Exército francês. Crítico militar, autor de numerosos livros, é muito conhecido por seus estudos estratégicos e táticos, que avançam idéias inovadoras e não conformistas.

Em Tática, ação e reação estão em constante correlação. O engajamento de novas armas incita o defensor a tomar contramedidas táticas e também técnicas, as quais, por sua vez, suscitam ao assaltante conversões da mesma natureza. As reações em cadeia assim desencadeadas têm por objeto modificar progressivamente, nos dois campos, os métodos de combate e, por consequência, a estrutura das forças. O discernimento preliminar desse processo de evolução é um dos fatores essenciais do mesmo. O fato, muitas vezes historicamente constatado, de que as realidades do combate tenham tão raramente correspondido às doutrinas militares que haviam sido anteriormente elaboradas em tempos de paz, na previsão da guerra, mostra como são freqüentes os erros cometidos nessa matéria. De fato, não é fácil avaliar por antecipação a natureza e a intensidade das transformações que os novos armamentos imporão às formas de combate. Esta constatação é também válida para as armas dirigidas com precisão, isto é, para as diversas categorias de engenhos — mísseis ou obuses de artilharia — que, uma vez lançados, são suscetíveis de ser dirigidos em vôo para o objetivo. Neste artigo, passaremos a chamá-las armas de precisão.

Alguns peritos estimam que um exército fortemente dotado de tais engenhos terá um tal poder de destruição, uma tal potência de fixação que qualquer

ataque desencadeado contra ele com meios convencionais será, doravante, muito arriscado. Tomando-se em conta a evolução atual da tecnologia, esse julgamento é perfeitamente aceitável. Em compensação, a tese segundo a qual, nos próximos anos, o equilíbrio de forças não se medirá mais em número de divisões, mas dependerá unicamente da capacidade de transformar os progressos tecnológicos em potencial militar de resposta, é bastante contestável.

Essa tese menospreza o fato de que o último objetivo do combate é vencer homens e não máquinas. Certamente, como em qualquer outra atividade humana, é possível, na arte da guerra, substituir até certo ponto homens por máquinas. Mas os dois elementos, que são o material técnico e a força humana de combate, são e permanecerão sempre indispensáveis. Longe de se substituírem, eles se completam em proporções variáveis segundo as circunstâncias. Qualquer que seja a importância atingida pela técnica, é o homem que permanece, em última análise, como elemento determinante.

Nihil novi sub sole. Fazer a guerra com máquinas não é uma invenção recente, e a idéia não é nova para aqueles que, partindo dela, crêem ser possível reduzir o engajamento de combatentes no campo de batalha e conduzir a guerra por máquinas interpostas. Já desde a Primeira Guerra Mundial, numerosos foram os peritos que pensavam que uma só metralhadora pudesse substituir trinta atiradores e que, então, poder-se-ia reduzir os efetivos dos exércitos. Ora, a experiência de 1914-1918 iria trazer a prova em contrário. O aumento da potência de fogo, suscitando um combate em ordem dispersa, veio transformar o aspecto e as dimensões do campo de batalha clássico e suscitou o aparecimento de frentes contínuas, estendendo-se por centenas de quilômetros, cuja ocupação iria exigir um potencial humano do qual não se tinha idéia anteriormente. Em consequência dessa evolução, os combatentes empenharam-se em um combate sem fim contra um número crescente de ninhos de metralhadoras. Foi necessário, para sair desse tipo de guerra e entrar, em 1939, em uma guerra nova, que o carro, estreitamente associado ao avião de combate, viesse repor em movimento as frentes que a metralhadora havia imobilizado. A imagem que as operações de 1939-1945 nos deram, em geral, da Segunda Guerra Mundial está em vias de se desvanecer. Os seguintes fatores estão em jogo e proporcionarão, uma vez mais, uma mutação das formas de combate:

1) Considerado seu preço de retorno, o carro atingiu os limites de rentabilidade. Novos aperfeiçoamentos técnicos exigirão despesas de pesquisa, de produção e de manutenção tão elevadas que não estarão mais em proporção razoável com as performances superiores a serem obtidas. Se quisermos construir, nos anos oitenta, carros de combate ainda mais pesados por um preço de série que avaliamos desde agora em um milhão e trezentos mil dólares, não poderemos adquirir com os recursos orçamentários disponíveis mais que um número insuficiente de engenhos. O domínio do campo de batalha não será assegurado, não podendo a qualidade superior de nossos carros compensar a superioridade numérica do adversário. Observemos ainda que o aperfeiçoamento técnico dos armamentos anticarro está longe de ter atingido seu termo. Tudo leva a crer que os carros AMX-30, e mesmo os modelos futuros do Leopard-2 ou do novo carro americano XM-1, cuja entrada

em serviço é prevista para a segunda metade dos anos oitenta, serão ultrapassados pela evolução rápida dos meios de defesa;

2) Mísseis dirigidos de alta precisão e com alcance de três a quatro mil metros já podem ser operados por elementos de infantaria, viaturas ou mesmo por helicópteros. Mas outras possibilidades de entrar o movimento dos carros poderão surgir nos próximos dez anos. Obuses de artilharia dirigidos (Canon Launched Guided Projectiles: C.L.G.P.) estão sendo experimentados nos Estados Unidos. A probabilidade de acerto desse sistema de armas, do tipo *atira-e-esquece*, parece ultrapassar de 50%. O preço, em grande produção, de canhões anticarro de calibre de 120 mm transportados em viaturas de blindagem leve de cerca de 15 t será aproximadamente um terço do preço dos carros atuais. Esse material, utilizado em combinação estreita com outros sistemas de armamentos anticarro, poderá desempenhar em um futuro próximo um papel semelhante ao das metralhadoras na Primeira Guerra Mundial;

3) O desenvolvimento desses mísseis é acompanhado de um melhoramento paralelo das minas anticarro. As mais modernas são quatro vezes mais leves que as da última guerra. Elas são dotadas de um acionamento eletrônico que assegura seu funcionamento, mesmo que não tenham tido o menor contato com os carros. O acréscimo de sua sensibilidade e de sua potência multiplica por três seu raio de eficácia. Imaginou-se, mesmo, a criação instantânea de campos de minas de vários quilômetros quadrados por "bombardeio" com lança-foguetes de campanha. As mesmas operações poderão ser conduzidas com a ajuda de aeronaves, mais particularmente, helicópteros. Assim, os carros se arriscarão a ficar inteiramente engajados, em pleno meio de um terreno minado, impossível de ser contornado;

4) No combate anticarro a longa distância, as formações mecanizadas inimigas poderão ser perigosamente postas à parte, seja em suas próprias zonas de reunião, seja em pontos de passagem obrigatórios, por bombas de aviação portadoras de minas ou por engenhos teleguiados ar-solo do tipo "Maverick". Durante a guerra do Yom Kippur, 52 carros foram destruídos por 58 engenhos "Maverick". Na verdade, essas armas não são apenas utilizadas contra os carros. Elas podem servir também para contrabater o armamento anticarro;

5) A estreita cooperação entre o carro e o avião sendo a base da guerra de movimento, um dispositivo anticarro não terá seu pleno valor se não for acompanhado por uma defesa antiaérea eficaz. No curso dos últimos vinte anos, a técnica do combate antiaéreo experimentou também grandes progressos. Dos 105 aviões perdidos pelos israelenses durante a guerra do Yom Kippur, em dez dias de campanha, 75% foram abatidos pela defesa antiaérea, 10% no decorrer de combates aéreos e os restantes 15% por ações diversas. Essa foi a primeira vez na história que a superioridade no céu foi obtida em uma larga medida por meios em terra. Somente depois que foi posta fora de combate a maioria das baterias antiaéreas de mísseis SAM é que foi possível à aviação israelense intervir com sucesso em proveito das forças terrestres. Foi uma evolução notável que, sem dúvida, fará escola;

6) Um outro progresso técnico que modificará profundamente o exercício do comando e, por conseguinte, o desenrolar dos combates, é a utilização de sistemas automatizados de busca, transmissão e aproveitamento das informações do campo de batalha. Pela assistência que pretendeu proporcionar, em todos os escalões, aos comandantes de unidades, as centrais eletrônicas poderão bem desempenhar o papel de cérebro-diretor das diferentes categorias de armas "inteligentes". De acordo com estudos conduzidos pelos especialistas em Comunicações de diferentes exércitos, as redes militares modernas de telecomunicações dotarão as Grandes Unidades de um sistema eletrônico de reconhecimento, de levantamento do campo de batalha e da localização de objetivos, com radares e elementos de controle, além de um sistema integrado de conduta de fogos táticos, assegurando, em benefício das armas-base, a elaboração, o cálculo e a transmissão automática dos elementos de tiro. Assim, a velocidade dos carros corresponderá, certamente, uma melhor instantaneidade dos fogos de defesa.

* * *

Ensaieemos deduzir da sumária análise precedente o efeito real desses diversos fatores de evolução sobre as futuras formas de combate. Preliminarmente, duas observações gerais.

A primeira concerne às relações entre a ofensiva e a defensiva. As formas de combate permanecerão sempre determinadas pela interação entre o fogo e o movimento. Os ataques se imobilizam quando a potência de fogo das armas de defesa supera as possibilidades de movimento dos atacantes. Assim, o acréscimo da precisão e, portanto, da eficácia do tiro, favorece mais particularmente a defesa.

A segunda se relaciona ao custo respectivo dos carros e das armas anticarro. Não cometamos o erro de regular essa questão constatando simplesmente que dois ou três projetis dirigidos serão suficientes para destruir objetivos de um valor várias vezes superior. Esse raciocínio simplista se aplica a situações que não se encontram sempre. A guerra é um fenômeno mais complexo. Digamos somente que o custo dos mísseis dirigidos, ainda que muito superior ao dos obuses de artilharia clássicos, não será capaz de restringir por muito tempo sua utilização. Esse custo se reduzirá, aliás, com os rápidos progressos da eletrônica e a fabricação em grandes séries.

* * *

Já nos referimos às reações em cadeia, respostas alternadas, técnicas e táticas, que desencadeiam, por adaptações sucessivas de um e outro campo, as entradas em serviço de novos materiais. Não existe exército moderno que não se interesse pelas armas de precisão, tanto para aperfeiçoá-las como para contrabater-las: aperfeiçoamento dos métodos de localização de objetivos, sistemas de telecommando, sistemas de direção de fogos, procedimento de confundir ou de desviar os raios eletrônicos de direção.

Essas contramedidas técnicas caminham a par com as contramedidas táticas, que consistem na inovação de métodos de combate. Na batalha terrestre, o assaltante blindado deverá, para enfrentar suas muitas perdas e as defesas anticarro, executar seus ataques em formações dispersas e sobre frentes mais extensas. A fim de não oferecer às armas de precisão alvos muito fáceis, as manobras de carros evitarão toda progressão uniforme, preferindo avançar por saltos rápidos, de cobertura em cobertura, como procede a Infantaria sob as rajadas das metralhadoras. Os ataques em largas frentes obrigarão, por sua vez, os defensores a dispersar seus meios anticarro. A concentração de fogo, indispensável à defesa, será mais difícil, como, aliás, a criação dessas situações de confronto, que são a preliminar de uma intervenção eficaz das armas de precisão.

Considerando a eficácia da ação antiaérea, os aviões de apoio aos ataques blindados deverão recorrer, eles também, a novos métodos táticos. Ainda a guerra do Yom-Kippur nos oferece alguns ensinamentos. Para conter dentro de limites aceitáveis as perdas aéreas, os ataques foram conduzidos pelos aviões israelenses escalonados em vários grupos. Um teve a missão de caça, outro neutralizou com golpes de engenhos ar-terra as posições de defesa antiaérea. O terceiro, enfim, assim protegido, teve por alvos os movimentos dos carros, as posições de artilharia e outros objetivos de campo de batalha, entre os quais os meios anticarro, cuja eliminação desempenhou então um papel preponderante.

* * *

Hoje como no passado, a vantagem do assaltante é a de escolher o momento e o local de sua ação. Daí sua possibilidade de surpreender, com forças superiores, uma defesa localmente inferior. Ao contrário, a defesa, ignorando as intenções do atacante, deve estar pronta para o combate de resposta a qualquer momento e em qualquer lugar, sobre toda a extensão da frente. Em outros termos, ela deve ser apta a resistir por bastante tempo aos assaltos, onde quer que se realizem, até o momento em que a pressão, que o assaltante exercer sobre as direções de esforço que tenha escolhido, possa ser contida e reduzida por contra-ataques. Tendo-se em conta esses princípios gerais sempre válidos, qual poderá ser a imagem da guerra na era das armas de precisão? Suponhamos, por exemplo, um ataque conduzido por duas divisões blindadas, totalizando 800 carros, sobre uma frente de 25 km, o que corresponde aproximadamente à largura máxima da frente que pode ser defendida por uma divisão tipo ocidental. Admitindo-se que sistemas anticarro de grande raio de ação — engenhos ar-terra, minas anticarro lançadas por avião — pudessem destruir, a despeito de uma intensa ação antiaérea do inimigo, 15 a 20% dos carros inimigos durante sua marcha de aproximação, o defensor encontrar-se-á ainda exposto ao choque de 600 a 650 blindados, sobre os 800 engajados no início da ação. A experiência nos ensina que o ataque fracassará se as perdas infligidas ao assaltante na seqüência do combate atingirem 30 a 40%.

Para que tenhamos uma idéia geral da quantidade de armas anticarro de médio porte necessárias para se chegar a um resultado, notemos que, no combate

defensivo, encontrar-se-ão inevitavelmente, em uma quantidade não desprezível, armas em posições de onde, por falta de objetivo, não terão oportunidade de intervir no combate. Além disso, um quarto aproximadamente, ou um terço, será neutralizado ou destruído pelos fogos de artilharia ou de aviação adversos. Daí resulta que o estabelecimento de uma defesa anticarro eficaz, escalonada em profundidade, com centros de resistência bem organizados em pontos importantes, envolvidos por campos de minas, exige por quilômetro pelo menos 20 a 24 elementos anticarro, dos quais um terço sejam autopropulsados (lança-mísseis ou canhões dotados de C.L.G.P.¹ Por outro lado, na defensiva, a divisão fartamente dotada de minas deve igualmente dispor de um certo número de lança-foguetes suficiente para interditar, com a ajuda de minas projetadas, 16 a 24 km² de sua zona de ação. Para reduzir penetrações perigosas, unidades de helicópteros, órgãos de reserva móvel da luta anticarro, deverão poder intervir atacando os carros de surpresa, destruindo-os por mísseis dirigidos ou paralisando-os pelo lançamento de minas.

Assim, portanto, para se chegar a um resultado decisivo é necessária uma defesa anticarro bem mais compacta que a atualmente prevista. Raciocinemos por analogia, tomando um exemplo escolhido de um passado distante. Antes da Primeira Guerra Mundial, os estados-maiores estimavam suficiente, para todas as missões, uma dotação de seis metralhadoras por batalhão. Uma vez desencadeadas as operações, esse número teve que se elevar rapidamente, tanto que se chegou à estabilização quando atingia a 52 por batalhão. A metralhadora tornou-se, assim, a arma-base de infantaria. Contra ela e em torno dela se organizou o combate, o que conduziu a uma transformação profunda na estrutura das unidades. Será diferente com as armas anticarro? *Estas não poderão proporcionar seu melhor rendimento se não as integrarmos em uma organização adaptada a suas características, e que se preste a uma íntima cooperação entre os diferentes meios "anti". Inserir-las sem alterar o quadro atual não é suficiente. Elas requerem a organização de unidades de novo tipo, uma espécie de simbiose entre a infantaria e a engenharia de assalto.*

* * *

A contra-ofensiva estratégica constitui, segundo a doutrina dominante, o ato decisivo da batalha defensiva. Não nos esqueçamos, entretanto, que *na hipótese em que os dois adversários disponham de um grande número de armas de precisão*, o autor da contra-ofensiva deve doravante computar perdas em carro comparáveis às que venham a ser consideradas para as operações ofensivas. As unidades blindadas de contra-ataque serão neste caso desgastadas em sua marcha de aproximação por sistemas de armas de grande raio de ação. Elas sofrerão, ao chegarem ao campo de batalha propriamente dito, golpes cada vez mais destrutivos das armas anticarro. Elas perderão toda a autonomia, tão grande será sua dependência em relação às forças que as apóiam: aviação, artilharia, engenharia. Enfim, elas serão

1 — Esses números não incluem os lança-rojões leves, cujo alcance é de 300 a 500 metros.

levadas a uma cooperação estreita com uma forte infantaria. Uma lei permanecerá imutável. Por mais moderna e "futurista" que seja a guerra, o desenrolar dos combates será ditado pela ação combinada dos homens e do material. Uma estratégia que repousar, ao mesmo tempo sobre o valor dos combatentes e o de suas armas, tem fundamentos mais sólidos que todo sistema militar que repousar essencialmente na técnica.

* * *

Mas, dir-se-á, em caso de agressão, o papel principal não se atribuirá às armas nucleares? Notemos que a estratégia não tem mais sentido quando os meios que uma nação põe em jogo para atingir seus objetivos de guerra abrem o caminho de sua própria destruição, o que será o caso, sem qualquer dúvida, na hipótese de um recurso efetivo ao apocalipse nuclear. Qualquer que ele seja, é precisamente sobre o campo de batalha atômico que a relação entre fogo e movimento modificar-se-á em favor do primeiro em uma proporção jamais vista na história. Recordemos que a potência de um único engenho atômico de 15 quilotons equivale à potência acumulada de aproximadamente dois milhões de obuses de artilharia.

A potência de fogo, aumentada ao infinito, asfixiará, de chofre, todas as operações estratégicas de unidades mecanizadas. Estas, se não forem destruídas, serão reduzidas à impotência pela paralisia dos serviços logísticos e técnicos de que dependem.

Afastados por algumas horas de suas bases de retaguarda, se lhes faltar gasolina, os carros lançados para a frente não tardarão a ser obrigados, sem outra alternativa, a se enterrar. Em um ambiente de caos generalizado, uma infantaria robusta, treinada para a guerrilha, dotada de armas facilmente transportáveis, como morteiros, lança-rojões e mísseis anticarro, mostrar-se-á provavelmente mais eficaz que muitos dos materiais dispendiosos e sofisticados cujo uso cessa desde que desapareçam seus serviços logísticos e seus meios de manutenção.

Em consequência, como os ataques de carro podem malograr, quer nas terríveis explosões atômicas, quer sob os golpes das armas de precisão, a conclusão lógica que se depreende das duas eventualidades permanece a mesma: com a perda da maior parte dos carros, o vencedor será aquele que dispuser de um número maior de "grandes batalhões".

* * *

Resumamos nossas razões de pensar que a intervenção maciça das armas anticarro e, sobretudo, das armas de precisão dará nascimento a uma nova imagem da guerra:

1) O emprego de unidades mecanizadas modificar-se-á radicalmente. Se os carros perderem pouco a pouco suas qualidades de instrumento de penetração, se se tornarem muito caros para serem utilizados como armas anticarro, nós os

veremos retomar pouco a pouco sua vocação inicial de armas indispensáveis de acompanhamento da Infantaria;

2) Na medida em que diminuir o papel que os carros tiverem nas ações instantâneas de rutura, o combate de Infantaria crescerá de importância. Por conseguinte, será mais vagaroso o ritmo das operações;

3) As armas de precisão, indispensáveis para a luta anticarro, encontram um outro emprego contra as casamatas e outros alvos "difíceis". Em contraposição, o combate contra a artilharia adversa e contra a multidão de objetivos menores que se descobrem no decorrer do combate de Infantaria exigirá tiros potentes aplicados sobre grandes superfícies. Assim, parece-nos, é errôneo crer que o aparecimento de armas de precisão, em que "cada golpe é um golpe de morte", acarretará uma redução considerável de consumo global de munição;

4) Com as perdas de carros, que podem ultrapassar 40%, a guerra de movimento poderá ser freada a tal ponto que em certas circunstâncias poderá ocorrer uma estabilização da frente;

5) Essa estabilização, por conseguinte, não poderá se produzir sem uma sólida defesa anticarro, na qual os diferentes sistemas de armas serão largamente coordenados e atuarão em ligação estreita com a defesa antiaérea;

6) Enfim, a diminuição do papel dos carros nas operações de rutura e as perdas elevadas que as armas de precisão infligirão aos aviões que os apóiam tornam cada vez mais necessária uma Infantaria solidamente equipada e bem instruída. Nestas condições, longe de conduzir a uma diminuição dos efetivos dos Exércitos, as guerras futuras exigirão, ao contrário, um aumento substancial do número de combatentes.

* * *

Em conclusão, a justa apreciação dos efeitos dos novos sistemas de armas sobre a evolução das formas de combate é, em nossos dias, uma premissa de toda boa estratégia. Ela condiciona os efeitos e a organização de que um país possa dispor. Durante a Primeira Guerra Mundial, três a quatro meses foram necessários até que se depreendessem do desenrolar dos combates os novos aspectos da guerra, a face imprevisível e repugnante da guerra de trincheiras. Por ocasião do segundo conflito, as fulminantes vitórias que marcaram, para a *Wermacht*, o início das operações, foram devidas ao emprego combinado que ela soube fazer dos blindados e das forças aéreas. Os Aliados levaram dois longos anos para conceber as contramedidas que, após cinco anos de luta, deveriam dar-lhes a vitória.

Em um e outro caso, o tempo e o espaço permaneceram disponíveis para conversões tão radicais. Hoje, o tempo e o espaço poderão fazer falta cruelmente ao Ocidente. Considerando-se que, em caso de conflito, a sorte da Europa se decidirá, talvez, em alguns dias, entre o Eiba e o Reno, a elaboração de uma doutrina de

guerra rigorosamente adaptada às realidades de nossa época se imporá mais que nunca. O presente estudo não tem mais que a pretensão de aportar uma modesta contribuição ao debate que deve se estabelecer.

(O presente artigo foi publicado na revista "Défense Nationale" de dezembro de 1977.)